



INDOSTÃO — CONSTRUÇÕES MILITARES.

O INDOSTÃO está litteralmente coberto de pequenos fortes de terra (reductos) construidos em diferentes periodos pelos *zemindars*, que ali se acolhiam, quando pretendiam evadir-se ao pagamento dos tributos e ás extorsões dos nababos. Tambem se encontra n'aquella vasta região grande copia de fortalezas edificadas com grandeza, mas na realidade mais respeitaveis pela apparencia e desenho, que pelos meios de defeza; consistindo na maxima parte em varios recintos, comprehendidos uns dentro dos outros; mas que a disposição dos bastiões e a vastidão das cortinas permittia bater facilmente em brecha.

O forte mais antigo, de que saibamos a data, é o de Toglok-abad, perto de Dehli, levantado por Toglok-shah no 9.^o seculo: a sua fabrica é de um genero imponente, e as suas muralhas enormes podiam zombar de todos os meios d'ataque conhecidos n'aquella epocha.

O forte de Chunar Gour, situado no Ganges, a 20 kilometros de Benarés, é construido sobre um serro, e cingido de muralhas, flanqueadas de torres circulares. Na extremidade, que deita sobre o rio, ergue-se a velha cidadella, que n'outro tempo devia de offerecer facil defensão. No interior ha um altar, que consiste em uma meza de marmore negro, sobre a qual, segundo a tradição, a divindade tutelar do paiz está assentada continuamente, salvo desde o nascer do sol até ás 9 horas da manhã, que é quando se acha em Benarés! Esta superstição faz suppor

que n'aquelle intervallo é possível tomar a fortaleza. Em varios sitios d'ella encontram-se esculturas antigas muito mutiladas, e inscripções em idioma persico, nas quaes se declara os nomes dos que, por diversas vezes, mandaram restaurar o edificio.

O forte de Gwalior, no centro do Indostão, a 80 milhas de Agrah, remonta a mui remota epocha, por quanto é notorio que soffrera um assedio, e fôra tomado em 1008. Os inglezes o conquistaram em 1780, e pelas successivas addições que lhe têm feito, tornaram-no uma das praças mais seguras do seu vasto imperio na India.

A nossa gravura representa um dos mais formosos monumentos do antigo systema de construcções militares dos indous; que vem a ser o magestoso portal do *cotillah* (residencia fortificada) de Firoz-shah, principe da segunda dynastia patane, que o levantou desde os fundamentos em 1220, a pouca distancia de Dehli.

É tambem a Firoz-shah que se deve o forte de Juanpour, sobre o Goomty, a vinte e oito kilometros da sua confluencia com o Ganges, um dos mais importantes de todo o paiz, que domina todo até Luknow e Fizabad. Foi durante algum tempo sede de um imperio: Chaja-Jehan, vizir do sultão Mahummed-shah, na menoridade de seu filho Mamoud-shah, tomou o titulo de *Sultan shirki*; ou *rei do Este*, e fixou a sua residencia em Juanpour, pelos annos 1393 de Jesus Christo.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XX.

Forca e Pelourinho.

Em todas as cidades e villas do reino havia sem falta dous symbolos da jurisdicção e independencia municipal; ámbos instrumentos de justiça; a forca e o pelourinho.

A forca era situada sempre fora da povoação, em lugar alto, e formada mais ou menos singelamente de duas columnas de alvenaria, que sobre si sustentavam um arco da mesma materia. A de Arrayolos foi mandada fazer em 1523 pelo ouvidor João Alvres. A camara preferia se fizesse um chafariz á fonte da Arregaça para beberem bois e bestas, primeiro que fazer-se a forca. (1) Mas ou fosse formada então, ou algum tempo depois, ficou situada n'um oiteiro ao sul da villa sobre a estrada de Evora; e conservava-se em bom estado, quando foi demolida nos fins do anno de 1844 para se edificar no mesmo sitio o telegrapho. Não consta que houvesse n'ella execução alguma. Os curiosos de contrastes não deixarão de notar que se a forca, representante dos interesses moraes da justiça, foi levantada em 1523, supplantando então o interesse material do chafariz; veio por sua parte a cair em 1844 debaixo da influencia do novo invento do telegrapho, que pertence por igual aos interesses materiaes e moraes.

O pelourinho, transformação christã da estatua pagã de Sileno, que era o symbolo da liberdade burgueza nos municípios romanos (2), é outro aparelho d'alta justiça, tambem classico e indispensavel nos nossos municípios. Sua situação é sempre na praça principal da povoação. A forma dos pelourinhos é um obelisco ou columna, executada ás vezes com capricho e elegancia, atravessada superiormente de braços de ferro com ganchos, e levantada do chão sobre alguns degraus. Os ganchos superiores serviam para espetar as cabeças ou mãos dos condemnados, quando assim o mandava sua sentença. Em baixo junto á baze, e sobre os degraus se atavam os sentenciados á exposição publica, ou a outros castigos corporaes, e para isso havia argolas de ferro em altura proporcionada. O pelourinho de Arrayolos é um bom obelisco de marmore de Estremoz, fabricado em 1634. (3)

Tal respeito merecia ainda no seculo passado este symbolo da justiça d'el-rei, que acontecendo no dia 14 de outubro de 1757 apparecer derribado e posto por terra o pedestal do mesmo pelourinho, e quebrada a esphera do remate superior, ordenou el-rei, por provisão da junta do estado de Bragança de 26 de novembro do mesmo anno, que o juiz de fora tirasse de vassa d'este caso, e acção tão horrorosa e offensiva ao respeito da justiça, e a remetteste á mesma junta sem pronunciar. (4)

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto!
Valha a desculpa, se não vale o canto.

VIII.

BOCAGE nas formas lyricas não excedeu a arte do seu tempo desviando-se dos modelos proximos da poesia franceza, e varias vezes dos traslados da latina; e a sorte com que tentou a ode não foi igual. Elevase em algumas a grandes alturas; ao passo que, segundo succede a Rousseau e a Lebrun, se offusca ou balbucia em outras. A formosa invocação á *Esperança*, de um cinzel delicado e de uma imaginação mimosa, nas primeiras estrophes, resente-se de pouca lima nas seguintes, baixando a allegorias diffusas, cuja nudez disfarça apenas a versificação brilhante. O "Quadro da vida humana" abre por uma imagem descriptiva, que recorda as de Horacio e do Garção, mas aonde realça a energia de Elmano. É uma idéa usada, que a magia do estylo remoçou embelezando-a; a pintura resae tão rica e natural que assistimos em espirito ás vicissitudes e tormentos do naufragio, enlaçados em episodios successivos os pallidos sustos, a anciosa luta, e a alternativa da esperança para a morte até, arquejando desarvorado, se inclinar o navio ás ondas, sepultando-se com mil agonias conglobadas em um só grito.

A ode á *Fortuna*, reminiscencia de Rousseau e de outros poetas, mal resgata a frieza do logar commum que atavia, e parece-nos inferior á elegancia, que atenua em parte os defeitos censurados ao lyrico francez. Mas o hymno "A' *Virgem*" aonde pensamentos, figuras e metros não têm que invejar aos mais louvados, vinga depressa os momentaneos eclipses d'estas composições. No exordio fulgura um clarão de Milton, e a magestade lembra o Dante:

Além do firmamento, além do espaço,
Que por lei summa, franqueára o seio
A mundos sem medida, a sóes sem conto
Immovel throno assoma:
De um lado e de outro lado é todo estrellas,
Vence ao diamante a consistencia, o lume;
Absortos cortezãos o incensam curvos,
Tem por baze e docel a eternidade.

N'esta poesia inspirada, em que circula o espiritualismo, a vehemencia cresce com o assumpto, e o entusiasmo sobe de estrophe em estrophe. Leves nodos, em um ou outro verso, alguns epithetos improprios destoando, não assombram as bellezas, nem diminuem o ardor da commoção. Eis como acaba:

Salve, oh! salve, immortal, serena Diva,
Do Nume occulto incombustivel garça,
Rosa de Jerichó por Deus disposta!
Flor ante quem se humilham
Os cedros de que o Libano alardêa!
Ah! No teu gremio puro amina os votos
Aos mortaes de que és mãe: seu pranto enxugue,
Seus males abonance um teu sorriso.

Que doce e consoladora supplica á mãe de Deus e dos homens! Aquella que nos proprios martyrios conheceu o amargoso fel do infortunio! Que visão suave a da *Virgem* subjugando pelo amor as soberbas da tentação, e acolhendo piedosa as lagrimas dos que padecem, e as esperanças que a imploram!

(1) Livro das vereações de 1523 a fl. 18, na vereação de 18 de abril.

(2) É opinião do sr. Alexandre Herculano, no 4.º vol. da sua *Historia de Portugal*, a pag. 11.

(3) Em vereação de 29 de dezembro de 1634 foi arrematada a condução e carreto do pelourinho de Estremoz para Arrayolos por 2\$700 rs. (L.º das vereações de 1634 a 1636. fl. 27 v.)

(4) L.º de registo da camara de 1756 a 1674, fl. 32.

Raros dos nossos poetas comprehenderam assim a musa religiosa, ou sentiram passar-lhe pelo coração este sópro, que estremece sempre que entoa um hymno a Deus. Bocage adora e crê; pinta os diversos temores do coração. No soneto, na elegia, ou na ode, quando cala a apothese dos sentidos, e applaca a desesperação dos zelos, para vir ajoelhar-se aos pés da cruz, não é o calculo, nem a arte, é a mais profunda fé, quem se eleva dos seus labios. Este homem consumido de desejos e paixões, que o orgulho dos applausos devorava, comprimia a consciencia para fingir a impiedade. Esta alma engolphada em deleites sensuaes, escrava do mundo e da vaidade, hypocrita de erros e de crimes, que detestava, como outros figuram as virtudes, rompendo o captivo, e prostrando-se deante do altar, adivinhava a unção e a melodia catholica de Chateaubriand e Lamartine, como parecia feita para antever a ironia pungente de Byron, e a opulencia da matizada estrophe de Hugo.

Entretanto (é forçoso dizel-o) se parece demasiado severa a opinião de um distincto censor, collocando Bocage no ultimo logar como poeta lyrico, não pode contestar-se que ficou longe dos bons modelos, rivalizando apenas em uma ou outra pagina com as perfeições elogiadas nas odes de Diniz e de Philinto. O canto heroico não o favoreceu; e como advertimos, as catastrophes dos dias agitados da revolução franceza, soberbo thema para a magnificencia do estro, passaram pela lyra e rara vez acordaram as suas vozes.

Correndo-se a collecção mal se encontra poema, que recorde a elevação tão sublime em Francisco Manuel, quando entre esplendores a gloria lhe desponta com o vulto de Albuquerque, ou o enthusiasmo accommette o assumpto dos Novos Gamas. Na imitação romana Bocage desce deante da graça correctea e sobria do Garção! Na elegancia e variedade está distante do traductor do Oberon! Faltava-lhe o que distingue os dous familiares de Horacio, o gosto apurado pela lição do original latino. Lutava além d'isso a indole com a reflexão dos primores classicos. Infundia-se-lhe pouco do perfume e do saber do inimitavel lyrico de Augusto.

Nas anacreonticas o passo vae mais livre, e os requiebros de amoroso jubilo casam-se com a melodia do verso, e com os risos da imaginação: e n'esta parte assim mesmo Elmano não compete com o Diniz. Somente admira quanto a alento pindarico, que a leitura de Lebrun, então popular, e o estudo de João Baptista Rousseau, lhe não illuminassem mais o talento, quando em outras manifestações disputa a primazia, e não empallidece na presença das dos emulos.

As canções, aonde o genio de Camões, e de grandes vates, derramou tanta sensibilidade, sentimento e gentileza, em Manuel Maria tambem quasi nada se levantam. Tirados os bellos versos, e estes eram para elle esforço facil, e algumas expressões com accento lyrico, o geral do canto é pobre, surdo á voz sincera dos fortes effeitos, e moldado pelas exagerações de um estylo mais estudado do que verdadeiramente imaginoso. O uso desmedido da allegoria, e o emprego das machinas mythologicas, aonde o painel não admittia senão a eloquencia da alma e o colorido da natureza, esfriam o interesse e dissipam o que ha de agradavel n'essas obras poucas e breves por felicidade da fama do auctor.

O *Delirio Amoroso* e o *Ciume* (II e IV) revelando a inexperiencia dos annos, em que foram escriptas, já deixam escapar comtudo diversos traços que denunciam o dedo do futuro poeta. O apaixonado cantor dos zelos, já d'ali indica o seu vigor.

Os *Cantos á Conceição da Senhora*, pela nobreza, pela contricção, e pela riqueza dos pensamentos e ornatos, lutam com os modelos recentes mais applaudidos, se os não excedem. Logo na invocação, o poeta do primeiro impulso mede a distancia, que ha do céu á terra, despindo as purpuras e os adornos profanos do paganismo. E nas azas reluzentes do cherubim da fé, que a radiosa inspiração ascende: e tão alto se remonta, que parece fugirem-lhe da vista os horisontes humanos. Extatico e deslumbrado inclina-se á visão da suprema e adoravel formosura da Virgem de Israel; e a cythara de David, como despertando, levanta estas harmonias:

Profana lyra, a molles sons affeita,
Vil instrumento, minha mão te engeita:
Caducas perfeições, servis amores,
Não mais, não maculeis os meus louvores.
Tu doce chamma, angelica ternura,
Que o Creador envia á creatura,
Oh dadiva celeste, oh dom do Immenso,
Com que atterrâmos Satanaz infenso,
Baixa-dos céus, e purifica esta alma.

Assim resôa a voz do Dante, quando o celeste clarão lhe vem dourar a fronte. D'este modo subia ao empyreo entre o incenso da oração, e perfumando a alma, o hymno dos prophetas, e dos solitarios nas grandes idades do mundo, e no maior dos seculos da Igreja! Aqui, sim, existe não a forma, mas o ser: e a divina agitação da ode! E o coração fremente, é o espirito ancioso, é a commoção em transporte, e não a arte, quem adora e canta.

Manzoni, dos poetas actuaes, aquelle que respira mais sentimento religioso, apar de Lamartine, na Saudação ao nome de Maria, apresenta na deducção dos movimentos e no geral da via lyrica incontestavel superioridade, sobre tudo pela correcção do cantico; mas em compensação faltam-lhe os repentes inspirados, que de curto em curto espaço fuzilam da crenga inflammada de Bocage. Ha maior doçura e maior ternura espiritual no italiano; as suas preces afinam-se por um tom suave e desabrocham da serenidade da alma; mas não as aquece tambem aquelle fogo intimo, que dão á musa catholica de Bocage a contricção e a eloquencia. Em Manzoni a harpa maviosa suspira estas estrophes:

N'elle paùre della veglia bruna
Te noma il fanciulletto; a Te tremante
Quando ingrossa rugendo la fortuna,
Ricorre il navegante.
La femminetta nel tuo sen regale
La sua spregiata lagrima depone,
E a Te, beata, della sua immortale
Alma gli affani espone;
A Te, che i preghi ascolti e le querele
Non come suole il mondo, ne degl'imi
E dei grandi il dolor col suo crudele
Descernimento estimi.

Elmano não matiza o hymno com tanta variedade de toques, mas em partes disere o vôo ás maiores alturas epicas. No segundo canto a pintura do abysmo, aonde mora a eterna dor, d'onde a esperança fugiu para sempre, recorda na concisão o sombrio desenho da Divina Comedia. A personificação dos vicios e peccados, que rodeam em pavorosa confusão

O praguejado throno ao rei das sombras!
é de um vigoroso pincel: ali

A negra Inveja, que alarido arranca
Das carcomidas fauces!
Veneno em borbotões, lagrimas suas,
O carão, côr da noute, ao monstro escalda!
A Desesperação lhe jaz ao lado,
E no raivoso coração lhe enterra
De quando em quando ás lacerantes garras.

Do throno, cujos degraus de ferro ardente povoam
as indomitas furias das paixões, Satan rebelde, le-
vantá o orgulho contra a pezada pena, que o pune;
e é da sua bôca assim fervendo em ira que rebenta
constrangido o louvor d'aquella que lhe firmou a
planta sobre a cerviz, encadeando-o aos pés da cruz,
escravo do Messias.

Exceptuados pequenos descuidos, as audacias felizes
abundam n'este poema, aonde a invenção e a
forma se libertam dos moldes ordinarios! N'estas
paginas, bem como em varias outras, vislumbram
aquelles assômos de originalidade creadora, que mui-
tos negam a Manuel Maria, e que o desleixo, e mais
do que tudo, a falta de tranquillidade intellectual,
lhe esterilisaram durante a sua breve e amargurada
carreira.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

SANSÃO NA VINGANÇA!

(1850)

E sacudindo (Sansão) com grande
força as columnas caiu a casa sobre
todos os principes, e sobre todo o
povo que estava n'ella; e foram mui-
tos mais os que matou morrendo, do
que os que matara antes quando vivo.

JUIZES, cap. XVI, v. 30.

V.

A GRUTA DE CAMÕES.

O LEITOR, que teve a bondade de acompanhar-nos
na contemplação exterior de Macau, que penetrou
mesmo connosco até á Baixa do Monte, e não te-
meu perder-se na confusão do bazar, ha de certa-
mente ter desejos de ser guiado para o mais poético
sitio da cidade, unico objecto que o estrangeiro é
obrigado, por assim dizer, a visitar em Macau, lo-
gar delicioso, não só na China, mas em qualquer
parte do mundo onde estivesse collocado, a gruta de
Camões.

Para chegar a este Eden, que campêa junto a
uma das portas da cidade, atravessam-se algumas das
melhores ruas da povoação; vêem-se casas de bella
apparencia, imitando as que já observamos na Praia
Grande; igrejas acciadas, porém despidas de orna-
tos architectonicos; e poucas lojas de insignificante
valor. O que entretém mais o viajante n'este tran-
sito, é a diversidade de raças humanas que encon-
tra, e o seu variadissimo trajo. O europeu, geral-
mente fallando, não se veste ali como em uma ci-
dade de oeste; usa jaqueta branca ou *saut-au-bar-
que* de phantasia, chapéu de cortiça forrado de seda,
uma fita por lenço do pescoço, sapatos em vez de
botins; na extravagancia do trajo avantajam-se sem-
pre os inglezes, como era de suppôr. Além d'estes
encontra-se o malaio cobreado, o siamez pequeno e
pardo, o japonéz mais pequeno ainda, o chim de

varias cores, mas d'aquelle eterno typo que ne-
nhum leitor desconhece, os nativos de Macau, mes-
cla de europeu, chim e malaio, que ou são padres
ou calafates, poucos marinheiros, e o resto vadios;
nhonhas de sarça, chinas de pé quebrado, quasi pé
de cabra, mal podendo suster-se sobre elles, e algu-
mas senhoras europeas, americanas ou nativas, que
trajam pelo figurino de París do anno anterior.

Estamos chegados ao campo de S. Antonio; além
está a porta da cidade, o cemiterio inglez, o thea-
tro em ruinas, e finalmente o portico de uma bella
quinta; a entrada é livre, passemos; é aqui dentro
que está a gruta, onde a tradição diz que o nosso
immortal poeta compoz uma grande parte dos Lu-
siadas.

O meu amigo Caldeira acha com razão muito si-
milhante esta quinta á de Penha Verde em Cintra.
Lindas ruas de copado arvoredos, serpenteando em
volta de uma montanha, e ladeadas por enormes
massas de granito, d'entre as fendas das quaes sur-
gem bellas arvores, não só das especies chinezas, mas
de Java, das Phillipinas, da India e da peninsula
malaia, tal é o caminho que conduz o viajante ao
pincaro de um monte, sobranceiro á povoação chi-
neza de Patane e ao rio, onde está a procurada gru-
ta de Camões.

Eil-a, dous rochedos quasi perpendiculares e pro-
ximos um do outro, sustentam um terceiro, que ser-
ve de tecto á gruta. As entradas d'este recinto, que
devêra ser sagrado, a acreditar-se que o grande can-
tor ali pousou alguma vez (do que não ha memoria
escripta) estão fechados por gradarias de pau, e as
suas paredes caiadas! Lá dentro vê-se o busto de
Camões, de côr bronzeada, e tirado em greda por
artistas chinezes: está assente sobre um pedestal tos-
co, onde se lê o nome do poeta, e as datas prova-
veis do seu nascimento e morte, bem como seis oi-
tavas dos Lusíadas. Da parte do occidente tem um
portico coroado por varios emblemas, taes como a
lyra, o escudo, o capacete, a nau antiga, a trombe-
ta da fama, a avena, a corôa de poeta, etc., e em
volta do arco os seguintes caracteres chins collocados
por esta forma:

奇	士	善	首	才
詩				德
大				超
興				人
立				因
碑				妒
傳				被
世				難

As tres letras do meio dizem: O sabio por excel-
lencia; nas columnas dos lados traduz-se: As quali-
dades do espirito e do coração o elevaram acima da

maior parte dos homens. Os litteratos sabios o honraram e veneraram, mas a inveja o reduziu á miseria. Seus sublimes versos estão espalhados por todo o mundo. Este monumento foi erigido para perpetuar a sua memoria.

Não encontrámos pessoa alguma n'essas poeticas ruas que vimos de percorrer com o leitor; ao chegar porém á gruta devisámos um mancebo, vestido com o uniforme da marinha de guerra portugueza, que escreve na parede caiada estes versos do nosso Herkulano:

É tão doce esta vaga saudade
Na soidão das montanhas colhida,
Para quem entre mil tempestades
Transitou pelos campos da vida!

E logo uma mulher formosa e elegantemente trajada á europêa, que pisando de leve sobre as folhas soltas da avenida, chega ao pé do mancebo, sem ser presentida, e o surprehe de agradavelmente lendo em voz alta o primeiro verso.

— «Eugenia!» exclamou o joven, voltando-se de repente; e segurando as mãos da encantadora mulher, beijou-as repetidas vezes.

— «Continue, Osorio; são tão lindos esses versos, que já sinto havel-o interrompido.»

— «Oh! não, essa poesia não me pertence; é de um amigo e mestre de nós todos os que prezamos as letras em Portugal. Mas não se trata agora d'isso. Vejo-a, Eugenia, e a harmonia d'esse todo, que fizera esquecer-se da sua Natércia o homem que gemeu n'esta gruta, tem para mim mais poesia do que todos os cantos dos poetas, ou mesmo os canticos dos anjos.»

— «Nada de exagerações! Sabe que o estimo muito... oh! muito! porém não desconhece que a minha posição na sociedade me impõe deveres.»

— «Tu és joven, bella, encantadora... e teu marido não te ama!»

— «Olha, Luiz, conheço bem o teu amor, e sei que és um moço honrado; confio-me de ti, e vou fazer-te uma confissão ingenua dos meus sentimentos; dizer-te o que tens a esperar de mim, desenganar-te.»

— «Oh! tu és uma santa!...»

— «Mas tu queres fazer-me peccadora. Escuta. Murray é uma excellente pessoa, muito meu amigo... e que o não fosse, é meu marido, e hei de guardarlhe aquella fidelidade que a mulher pode guardar... do coração só Deus dispõe.»

— «Então, o teu coração é meu?»

— «Sim; o meu coração, os meus pensamentos, pertencem-te; não sobreviverei á tua perda... porém tenho um esposo...»

— «Embora; sou muito feliz!»

— «Ainda me resta que dizer. Todos desconfiam da nossa intimidade, e nos apontam ao dedo nos bailes, nos passeios, até na igreja; tu sabes que as mulheres, principalmente as feias, são implacaveis, e então nas terras pequenas, aonde tudo se sabe; é mister pois afastarmo-nos.»

— «Afastarmo-nos? Pois não o estamos bastante!... Então que me resta?»

— «O meu amor, o meu coração, os meus pensamentos, já te disse; mas é necessario que um homem probo e leal como é James Murray, não soffra na sua reputação pela leviandade de uma mulher, que tem obrigação de honrar o nome, que é tambem o seu. E tu que me amas... muito, não o duvidas; quererias ver manchado o nome da tua amante?»

— «Mas que me resta... que me resta? A morte?»

— «Tanto como a mim; a resignação... mesmo a esperança.»

— «A esperança! oh! essa idéa seduz-me! E se eu me conservar por muito tempo na China?»

— «Estarei aqui...»

— «E se partir para Lisboa?»

— «Chegarei lá antes de ti.»

— «Terei resignação; soffrerei tudo o que quizeres; diz-me o que hei de fazer?»

— «É preciso frequentares menos a Praia Grande, não ires ao templo interromper as minhas orações, não me seguires quando vou passear a cavallo fora da porta do Cêrcio, e visitar-me, o muito, uma vez por semana.»

— «Bem: não tornarei a desembarcar senão no caes da alfandega; só ouvirei a missa do capellão de bordo; poucas vezes voltarei a terra, porque Macau não tem outro passeio senão essa estrada do campo, que custou a vida a quem a mandou abrir; esobre tudo contarei bem os dias, para só de sete em sete te visitar. Sou obediente?»

O mancebo fingia que estava risonho, mas viu que Eugenia tinha os olhos humidos de lagrimas; e não pôde suster as suas; abraçaram-se, deram o primeiro e ultimo beijo... d'esses beijos que, apoz muitos annos de tormentos e decepções, parece que ainda escaldam os labios... e Eugenia, soluçando, correu pela avenida, e desapareceu á vista do mancebo por entre o copado arvoredado d'aquellas formosas ruas.

Osorio ficou um momento extatico, todo concentrado na felicidade do momento que passára, como que alheio ao presente; quando porém voltou a si e não encontrou Eugenia, só se lembrou de a procurar, de tornar a vel-a immediatamente, esquecendo todas as promessas que pouco antes fizera.

Desceu apressado o caminho em espiral que conduz á porta, e quando transpunha os cancellos viu ainda a sumir-se por detraz da igreja de Santo Antonio a cadeirinha de Eugenia, conduzida por dous chins... Não tinham de se encontrar mais na terra!

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

ANNO BOM.

I.

HOJE, é hora bemsfadada
A hora da meia noute.
Como flor, que ao duro açoute
Do tufão, meio tombada,
Torna a si de madrugada;
Remoça a vida cançada.

Na encendida phantasia,
Pinta-se mago horisonte;
E a esperança, lá, defronte,
Como sol, em claro dia,
Brilhante luz irradiá,
De ditosa prophécia.

N'esta hora, todos são
Obreiros d'immensa mina;
Só, ás leis da propria sina,
Sujeitos na exploração:
Mil raios, que a um centro vão,
Por mil modos — ambição!

Quem, se o peito traz rendido,
Em amorosa procella ;
Qual, no mar perdida véla,
Vendo o porto appetecido ;
No futuro, não ha lido,
O desejo seu cumprido ?

Qual, se anhella os dons da fama
Por corôa do seu lidar ;
Aberto, de par em par,
Vê o templo, vê a chamma,
Que ethereo fogo derrama,
E seu nome alto proclama.

Este, em vasto, urdido plano,
Interesses conta, regula,
E montes d'ouro accumula.
Qual medita novo engano,
E prepara, deshumano,
Vingança, em alheio damno.

Um, na cupula celeste,
Engasta nova saphyra ;
A cadente, eburnea lyra,
Outro, d'almos sons reveste :
E gêlo polar investe,
Longe terra, explora este.

Qual, no filho estremecido,
Na obra do seu querer,
Vê novos dotes crescer,
Seu nome reproduzido,
Em doce echo, bem querido,
Que lhe bafeja o ouvido.

II.

Hoje, é hora bemfadada,
Da meia noute o bater.
Quem receios ha de ter,
Se maus encontros na estrada,
Nem bruxas, na encruzilhada,
Nem feitigos não ha nada ?

Que se quebre o seu encanto
Espera a moura encantada ;
E donzella namorada,
Enxugar o triste pranto,
E curar-se de quebranto,
Por milagre do seu santo.

A meia noute a bater,
O anno bom começando,
E todos mercês cuidando !
Até a bruxa ha de ver
A creancinha a nascer,
Para o sangue lhe sorver.

E o lobishomem, que o fado
Obrigou, por avarento,
A tornar-se n'um jumento ;
Vê o fato seu, deixado
Ao sair do povoado,
Já do avêssô mudado.

III.

Vê a velha presumida
Novos crêmes, paschoulis,
Cabelleiras e Vitrys.
Vê a coquete garrida,
Via lactea indefinida,
De seus galãs esculpida.

A beata, no rosario
Conta as missas, procissões,
Jubileus, cirios, sermões.
Vê juro o usurario,
Postos o revolucionario,
O padre . . . doces no armario.

Nas guerras do Oriente,
Forma seu juizo critico,
Vê triumphos o politico.
Um a russa, amada gente,
Eil-o abraça de contente,
E a turcos víra o dente ;

Vendo já, por toda a terra,
Quaes, por festa, as espadanas,
Chover aguias russianas.
« Livre monstro, em crua guerra,
Arda agora ! » disse, berra,
Mette a pique a Inglaterra.

Outro, arranca, ao braço enfia,
As corôas de todo mundo :
Reis, rainhas vão ao fundo.
Em republica harmonia,
Une os povos á porfia,
E desterra a monarchia.

E noviço deputado,
As corôas da ovação,
Vê na proxima sessão.
Vê o pinga, prolongado
O subsidio almejado ;
Vê pastas, o mais ousado.

E ministro, d'antes lhano,
Da justiça defendente ;
(Que ora, ao triste pretendente,
Rala a paciencia um anno,
Só para ver do novo Jano,
Fero rosto deshumano) ;

Vê, qual arca de Noé,
Sobre as aguas do diluvio,
Em eterno plenilunio,
Seu poder, alto, de pé ;
Cantado em almiré,
Desde o pólo á Santa Sé.

Só venturas hoje deu,
A todos o anno bom.
D'empregados — *Cabrimon*,
O agiota — judeu ;
Até esse — appello êu !
Vê atrazos, por bem seu.

E já lucros augmentados,
Nas mil cedulas, recibos ;
Que — tristes, humildes chibos,
Em sacrificio levados ;
A' mingua deixam — coitados !
Os captivos empregados . . .

IV.

Meia noute que resôa,
Vê-o andado, uma unidade,
O cursor da eternidade.
Passado, presente vóa ;
E voz do futuro echôa,
No breve instante que sôa.

Qual a curva indefinida
De cumiada distante,
Como tinta cambiante,
Que na onda colorida,
A um tempo confundida,
Tem a morte, tem a vida.

Oh! nos olhos d'alma então,
Reflectem verde florir,
As campinas do porvir:
Dons de magica visão;
Que vistos por todos são,
Que bem poucos gosarão.

Mafra, 31 de dezembro de 1853.

J. DA COSTA CASCAES.

ESBOCETOS DA VIDA MILITAR.

III.

Perseverança.

É no decurso da vida, semeada de gosos e de soffrimentos, que a perseverança, esta virtude heroica, vem prestar-nos salutar egide: realisa os designios mais espinhosos; reanima os espiritos no meio das fadigas e das empresas mais laboriosas; fortifica a constancia na luta com a adversidade: só para o indolente é que ella não tem valia; dorme o pezado somno da indifferença; e por lhe faltar o valor preciso lá se despenha em total abandono. Na verdade o que não sente o fogo d'uma nobre ambição, ou o influxo de generoso incitamento, não vive; sómente vegeta, mas sem desejos, sem a menor inspiração, habituado ao jogo estúpido d'uma vã mobilidade.

As artes e as sciencias, tanto moraes, como physicas na cadeia prodigiosa das suas produções, olham a perseverança, como a sua columna inabalavel, como o seu poderoso talisman. Com effeito, se os vestigios incertos do homem, encetando a vereda do saber, não fossem dirigidos por essa radiosa luz, a nobre inspiração pela gloria e pela immortalidade, que ao passo que esclarece, electriza o espirito, debalde tentaria superar o elevado cume em que a sciencia repousa, quando o caminho que a ella nos conduz é costa arriba, fragoso, semeado de embaraços, erriçado de difficuldades, que é mister vencer com energia e decisão; alias terá o homem por menos resolutio de passar pelo supplicio da incerteza e da hesitação, que attenuam o genio e constroem as melhores inspirações.

Um habil artista, que ao genio ajunta infatigavel ardor, vendo-se coroado pelo successo dos seus esforços, é o senhor, é o rei da sua obra; sobre ella impera. Sem duvida a perseverança immudavel tudo pode. Primeiro que um pedaço de marmore se transformasse n'um Apollo de Belveder, saíndo com perfeição eximia das mãos do abalisado artista; que a transfiguração, filha do pincel do grande Homero da pintura, Raphael Sanzio, avultasse entre as maravilhas da arte; que um Sequeira fizesse a admiração de Roma; que o genio de um Pergolese, de um Rossini fizesse desprender os encantos da harmonia, e os magos sons da lyra de Euterpe; primeiro que um Newton descobrisse as maravilhosas leis da attracção no systema do universo; que um Vauban, o grande transumpto, o typo respeitavel na arte da guerra, deixasse padrões indeleveis do seu profundo

saber e trabalho; finalmente que um Turenne, e um Condé se immortalissem na arte de commandar os exercitos, succederam na sua carreira brilhante a dias de estudos, dias de experiencias e de laboriosas lidas. Todos perseveraram no prosegui-mento das suas fadigas artisticas e litterarias; todos sacrificaram a mobilidade dos seus desejos, e talvez os desvios de uma imaginação fogosa e arrojada a um melhor sentir para o feliz acabamento das suas obras. — *Omnia labor vincit* — tudo cede aos longos trabalhos.

Não se nutre a virtude do descanso;
(diz o nosso Boileau)
Arduas empresas, rispídos trabalhos,
Em nobre coração d'immortal gloria
Accendem claro lume.

A perseverança é necessaria em todas as profissões ou estados da vida social; e tanto mais se acrisola esta virtude, quanto mais numerosos e difficeis são os obstaculos que a combatem. Ora o estado militar deixa ver um contraste bem sensivel com todas as partes, ou classes da sociedade; certamente n'esta profissão o curso da vida é cheio de mais actividade e de mais accidentes, e submettido a uma influencia muito mais poderosa dos caprichos da fortuna.

A perseverança em relação á vida militar apresenta-se debaixo de dous aspectos; já no prosegui-mento e alcance da sciencia e conhecimentos precisos, fazendo com que a pericia nas armas appareça sempre a par do exaltado patriotismo; já em relação com o estado moral da mesma profissão. É n'este sentido ou segunda referencia, que versa o presente bosquejo.

A vida das armas offerece, mais que nenhuma das outras, grandes e não poucas difficuldades a vencer, e não menor numero de sacrificios, que é mister tolerar com provado valor e decisão. Na verdade expõe aquelle que lhe consagra os seus dias a incidentes ou conjuncturas assaz penosas, e quasi sempre inevitaveis, attentos os laços de familia e de amisade em contemplação dos interesses que pode trazer um estado feliz. Mas a causa que mais contribue para que appareçam na vida militar frequentes razões de desalento e de afrouxado serviço, prende essencialmente com a honra, com o amor proprio, e com o desejo da gloria, por inspirarem estes sentimentos nobres a esperanza de futuras recompensas na escala das promoções; sim, a comparação que qualquer faz da sua má estrella com a felicidade de um outro, é quasi sempre acompanhada de desgosto e de descorçoamento. É sem duvida n'esta carreira militar que assaz nos surprehendem desaperecebidos as elevações rapidas, que apresentam em curto espaço de tempo grandes distancias entre aquelles que marcham nivelados na mesma linha. Não criticâmos nem a epocha nem as cousas; em todos os tempos têm havido injustiças e patronatos; os homens, dadas as mesmas circumstancias, são sempre os mesmos.

O militar que ama sinceramente o seu paiz, não deve olhar jámais a vida das armas como um meio de chegar a certo termo, ou a fins absolutamente estranhos ao seu estado. O exercito, ou o corpo a que pertença, não será para elle o ultimo dos seus pensamentos; mas antes occupará no seu espirito o primeiro e principal logar, importará um verdadeiro centro de unidade para onde faça convergir todas as suas affeições, habitos e esperanças. O homem que for essencialmente militar, e cujos serviços fo-

rem reaes e de reconhecido valor, não faz das armas que lhe são confiadas escala de ambições, nem olha a sua carreira como fonte inexaurível de gosos e vãos caprichos. Este é sem contradicção uma pessoa sobremaneira util ao exercito, vivendo sempre com o soldado, estuda-lhe o seu espirito, conhece-lhe o seu caracter, precisões e habitos; e por conseguinte sabe a maneira de bem se conduzir, não desmentindo jámais o seu comportamento, quer no remanso da paz, quer no meio do estrepito das armas; habituado a partilhar com o soldado todas as eventualidades e sacrificios, sabe tambem adquirir aquella philosophia que só pode caracterisar o verdadeiro cabo de guerra.

Uma boa lei de promoções, e de recompensas muito concorre para fazer nascer, e arreigar estas bellas inspirações e conducta; importa a alma dos exercitos, mantém a dignidade militar, e restaura a ordem e a disciplina, formando os bons militares. São estas as nossas idéas, e as mesmas que envolvidas com outros objectos annunciámos já na Revista Militar. A gloria deverá ser olhada como a unica ambição do militar, sem duvida a mais apreciavel das compensações por todas as fadigas e arriscados trances; por ella renuncia a todos os prazeres e doguras dos lares domesticos, preferindo uma existencia inquieta, agitada, e a todo o passo cheia de perigos e de privações. Cumpre por tanto, em vista do eterno principio de justiça — *suum cuique* — combinar os diversos direitos; recompensar o zêlo e a duração dos serviços, dependendo assim o direito que todo o militar tem ao seu accesso, não só da antiguidade; mas da livre escolha em contemplação do seu merito, isto é, da sua intelligencia, e comprovada capacidade. Certamente a profissão das armas (distincta pelas paixões preclaras e magnanimas que em epochas gloriosas tem feito brotar do seu seio) alimenta-se com os sentimentos de nobre emulação, e com a esperanza de um melhor futuro, que inspiram a coragem e a perseverança.

J. C. DA SILVA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

IV.

DESDE fins do seculo 16.^o tem muitos escriptores nacionaes e estrangeiros tomado d'um nosso chronista a noticia de termos achado, quando descobrimos a ilha do Corvo, a menor e a mais septentrional das ilhas dos Açores, uma estatua equestre, talhada em pedra e saíndo maciça d'uma lagea, sobre a rocha noroeste d'aquella ilha.

Grande escuridade e incerteza ha sobre as circumstancias, que acompanharam o descobrimento de todas as ilhas dos Açores, porque nenhum documento até hoje conhecido, nenhum escriptor contemporaneo, nol-as transmite. Da ilha do Corvo apenas se sabe que estava descoberta em 1452, porque ha na chancellaria d'el-rei D. Affonso V carta de doação d'ella ao duque de Bragança, conde de Barcellos, D. Affonso, tio do mesmo rei, datada de 20 de janeiro de 1453, onde nem se faz menção de quem a descobrira, nem do anno em que fôra achada. N'outra memoria particularisaremos as razões que nos levam a crer, que os descobridores, tanto d'esta ilha como da ilha das Flores, foram Diogo de Teive e seu filho João de Teive.

Só mais d'um seculo depois é que um chronista portuguez fallou do achado d'uma estatua equestre na ilha do Corvo. Referimo-nos a Danião de Goes, que na *chronica do principe D. João* (depois rei D. João II) por elle publicada em Lisboa em 1567, a fl. 9 v., col. 1.^a e segg., tratando d'aquella ilha, escreve: — « Hos mareantes lhe chamam ilha do marquo; porque com ella (por ter hũa serra alta) se demarqã, quando vã demandar qualquer das outras. No cume d'esta serra, da parte do noroeste, se achou hũa statua de pedra posta sobre hũa lagea, que era hũ homẽ ençima de hũ cauallo em osso, e ho homẽ vestido de hũa capa quomo bedem, sem barrete, com hũa mão na coma do cavallo, e o braço direito stendido, e hos dedos da mão encolhidos, salvo o dedo segundo a que os Latinos chamam index, com que apontava para ho ponête. Esta imagem que toda sahia maciça da mesma lagea mãdou el Rey dom Emanuel tirar pelo natural por hum seu criado debuxador, que se chamava Duarte darmas, e depois que vio ho debuxo, mãdou hum homẽ engenhoso natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Italia, que fosse a esta ilha pera cõ aparelhos que leuou, tirar aquella antigualha, ho qual quãdo d'ella tornou dixe a el Rey que ha achara desfeita de hũa tormenta que fezera ho inuerno passado. Mas ha verdade foi que a quebrarã per máo azo, e trouxerão pedaços d'ella . . . a cabeça do homẽ, e ho braço direito cõ a mão e hũa perna, e ha cabeça do cauallo, e hũa mão que staua dobrada e aleuãtada, e hũ pedaço de hũa perna, ho que tudo stene na guarda roupa del Rey algũs dias, mas ho que se depois fes destas cousas, ou onde se puseram eu nam ho pude saber. Esta ilha do Corvo, e santantam foram de Joam da fonseca, scriuam da fazenda del Rey dom Emanuel, e delle has herdou seu filho Pedro da fonseca, scriuão da chancellaria do mesmo Rey, e del Rey dom Joam terceiro seu filho, ho qual Pedro da fonseca no Anno de Mil DXXIX, has foi ver, e soube dos moradores que na rocha, abaxo donde steuera ha statua, stauam talladas na mesma pedra da rocha hũas letras, e por ho lugar ser perigoso pera se poder ir onde ho letreiro stã, fez abaxar algũs homẽs per cordas bem atadas, hos quaes imprimirão has letras que ainda ha antiguidade de todo nam tinha çegas, em çera que pera isso leuãram, com tudo has que trouxeram impressas na çera eram já mui gastadas, e quasi sem forma, assi que por serem taes, ou por uentura por na cõpanhia nã hauer pessoa que tiuesse conhecimẽto mais que de letras Latinas, e este imperfecto, nhũ dos que se ali acharam presentes soube dar rezão, nem do que as letras diziã, nem ainda poderã conhecer que letras fossem. »

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

— Ninguém procure a felicidade pelas tortuosas veredas da injustiça. E esta regra é universal, e absoluta, não admite limitação, não tem excepção alguma, nem em quanto aos individuos, nem em quanto ás sociedades; nem a respeito dos que mandam, nem a respeito dos que obedecem.

— Quando a fortuna te persegue, disse um sabio, a quem a adversidade ensinou a conhecê-la, refugia-te em teu coração: e se o asylo for puro, ella não poderá abi alcançar-te. Mas os homens injustos carecem d'este asylo, porque o seu coração não é puro.

BASTOS — MEDITAÇÕES.